

EN  
FOTOGRAFÍA  
ÑA  
REZADORES C

---

ENSAIO  
FOTOGRAFICO  
ÑANDERU'I:  
REZADORES GUARANI

PAULO HUMBERTO PORTO BORGES

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ, BRASIL

O povo Guarani é um povo símbolo da América Latina devido ao seu apego à lógica tradicional, ao chamado *nandereko*, isto é, “nosso costume”. Apesar do imenso e longo contato com a civilização não-índia e suas diversas frentes de expansão, os povos Guarani continuam – teimosamente – resistindo ao capitalismo predador, que lhes chega na forma do agronegócio e da monocultura da soja, tanto no Brasil como no Paraguai. É curioso e irônico constatar que, enquanto boa parte dos indígenas Guarani que percorrem se e assentam no Paraná são considerados “índios paraguaios” por órgãos do Estado brasileiro, – que tentam dessa forma, evadir-se da responsabilidade frente a estas famílias indígenas – a terra que eles e seus descendentes habitavam no Paraguai está, em grande parte, sob o poder dos “brasileiros de Stroessner”. Esses proprietários são chamados assim pelos paraguaios, por terem adquirido, a partir de 1962, no tempo da ditadura paraguaia, imensas extensões de terras a preço baixíssimo. Nem o Brasil, nem o Paraguai levaram em conta que, ao lotear estas terras – como se não tivessem dono – estavam desbaratando a fonte que abastece a economia, a sociedade e a religião de uma cultura milenar. Os grupos Guarani que permaneceram na região se tornaram mão-de-obra barata, vivendo, já na quarta geração, quase que exclusivamente da “changa” (serviço esporádico) para os novos patrões de suas antigas terras. A desintegração social e religiosa, o individualismo e a desesperança são os resultados desta trágica epopeia, tendo no alcoolismo

seu sintoma mais visível. No lado do Brasil, o quadro não é diferente, poucas terras e várias comunidades Guarani sem-terra. Atualmente existem quatro retomadas de territórios tradicionais em curso no oeste do Paraná, nos municípios de Santa Helena, Guaíra e Terra Roxa, resultado de uma política de confinamento em pequenas e diminutas reservas, como a aldeia de Ocoy no município de São Miguel do Iguacu.

Nesse sentido, a religiosidade Guarani continua sendo seu grande sustentáculo moral e político e, por isso, eles continuam vivos, distintos e permanecem dignos, frente a um mundo cada vez mais padronizado ao tom da cultura dominante, ou seja, branco, cristão e ocidental. O *Nãnderu'i* Guarani, seus sacerdotes e rezadores, que nós insistimos em denominar de “pajé”, permanecem sendo o símbolo desta resistência ao avanço da sociedade não-índia resistem em suas casas de reza, por meio de suas orações e na manutenção dos “costumes dos antigos”, em especial, na valorização da língua. Afinal desde o início os foram velhos sacerdotes guarani que levantaram contra a colonização espanhola, sempre em defesa dos antigos costumes e do “jeito de ser guarani”. No início da colonização européia, entre 1545 e 1660, ocorreram aproximadamente 24 grandes levantes indígenas em oposição ao domínio espanhol, todos de caráter contestatório religioso, a cifra é significativa se levarmos em conta que ele representa quase a metade dos 50 levantes registrados entre 1537 e 1735 na antiga província do Paraguai.

O contato com as sociedades europeias ocasionou um rearranjo na perspectiva histórica dos povos indígenas, desde a necessidade de interagir com o europeu, a importância de elaborar respostas aos novos acréscimos culturais e econômicos. O mundo não é mais o mesmo e as profecias se realizam de formas não previstas, seus povos encontram-se ilhados e ocupados tanto culturalmente como militarmente. O poder desagregador que a ideologia dominante possui sobre as culturas minoritárias apresenta-se como o triunfo da História do Conquistador que desfila com seus exércitos em marcha, os mesmos que esmagaram (e esmagam) estas culturas e esmagarão novamente se for preciso. É nesse quadro que a função dos mais velhos torna-se mais premente quanto mais profundo for o ferimento civilizatório. A eles, até então, detentores da memória e (na maioria dos casos) da religiosidade de seus grupos, compete uma nova tarefa, a de decifrar e apropriar-se dos acrés-

cimos culturais oriundos das frentes de contato. É necessário apropriar-se dos novos elementos de acordo com seus códigos específicos e reelaborá-los, instrumentalizá-los a luz da tradição.

Estas imagens, coletadas em diversos momentos de intervenção junto a estes grupos, têm como objetivo demonstrar a fortaleza cultural deste povo, que, ao seu modo, vem resistindo e nos alertando sobre a inviabilidade do nosso modelo econômico e do terrível e triste mundo que estamos diariamente construindo, por meio de cercas, fazendas, miséria e pobreza.

## REFERÊNCIAS

- Chamorro, G. 1995. *Kurusu Ñe'ëngatu, palabras que la historia no podría olvidar*. Assunção: Centro de Estudos Antropológicos.
- Memi, A. 1977. *Retrato do colonizado precedido do retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.















